

**A FÁBULA “O GAVIÃO E O ROUXINOL”  
COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO POEMA  
OS TRABALHOS E OS DIAS DE HESÍODO**

Profa. Me. Elisa Costa Brandão de Carvalho (UERJ)

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar a fábula “*O gavião e o rouxinol*”, presente na obra de Hesíodo *Os Trabalhos e os Dias*, destacando a intenção didática e pedagógica presente na fábula, a preocupação com a conduta ética e moral dos indivíduos que faziam parte daquela sociedade arcaica e campesina, da qual o próprio Hesíodo pertencia e, principalmente, justificar a importância da fábula como propósito exortativo e educacional de Hesíodo ao chamar a atenção de seu irmão mais novo Perses, dos reis e dos poderosos donos de terras para o perigo da desmedida, do excesso, a *hýbris*, que o poeta qualifica como algo maléfico para todos. Pois, para Hesíodo, o indivíduo só se tornaria ético e valoroso através do trabalho (*érgon*) árduo da terra, que para ele era o único meio de sobreviver dignamente dentro das leis da Justiça de Zeus, a *Díke*.

**Palavras-chave:** fábula; educação; trabalho; justiça

Hesíodo, o poeta campesino, viveu em Ascra, na Beócia, no final do século - VIII ou início do século -VII, período de crise agrícola e social. O pai era um imigrante de Cime, na Ásia Menor, que se tornou agricultor e vivia com dificuldade em uma pequena propriedade rural próxima do Monte Hélicon. Segundo seus próprios relatos depois da morte do pai, seu irmão Perses corrompeu os juízes locais e apoderou-se da maior parte da herança que correspondia a ambos. Por esse motivo, em suas obras sempre exaltou particularmente a virtude do trabalho e da justiça. A exemplo do pai, Hesíodo viveu de sua pequena propriedade rural, mas parece ter recebido treinamento de rapsodo e certamente conhecia os poemas homéricos. A tradição lhe atribui a vitória em um concurso de poesia nos jogos fúnebres de Anfídamas, em Cálcis (Eubéia). Assim como os poemas homéricos, sua obra é considerada um repositório de mitos e tradições conservados oralmente — no caso, tradições da Beócia, região em que viveu. Hesíodo foi, no entanto, o primeiro a utilizar suas próprias experiências como tema de poesia e a cantar a vida simples do homem do campo. Caracterizado por sua poesia didática, escreveu em grego e ficou conhecido por dois de seus poemas que chegaram

integralmente até nós, a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*. A *Teogonia* conta a formação do mundo (*cosmogonia*) e a origem dos deuses (*teogonia*) e heróis; é um verdadeiro *catálogo* de deuses. Em *Os Trabalhos e os Dias*, o poeta relata seus problemas legais com o irmão Perses, fornece informações minuciosas sobre a agricultura, e discorre sobre a importância da justiça e do trabalho. Assim como Homero, Hesíodo usou basicamente o dialeto jônico e os versos em hexâmetros datílicos característicos da epopeia, percebe-se também que os epítetos épicos e versos inteiros, bem como o vocabulário utilizado são tirados das obras do poeta de Quíos. Mas enquanto que, estruturalmente, a poesia hesiódica se assemelha à homérica, a temática se distancia, Hesíodo, na *Teogonia*, preocupa-se em agrupar os deuses e heróis em um catálogo organizado e inteligível, enquanto que Homero recorre frequentemente a narrativas míticas e canta a vida e os problemas dos aristocratas; já em *Os Trabalhos e os Dias* Hesíodo descreve a dura vida cotidiana dos camponeses, suas preocupações e problemas. As nítidas e precisas imagens que evoca, inclusive, indicam conhecimento pessoal e profundo da vida rural e de seus problemas.

Quanto ao estilo e à finalidade da poesia do poeta de Ascra, fica claro o caráter didático e pessoal, bem distante da "grandiosidade" e impessoalidade de Homero. Em sua poesia, Hesíodo identifica-se, usa a primeira pessoa, dá opiniões. Mais que simplesmente distrair, sua poesia tem uma nítida função didática, a exemplo dos antigos textos sapienciais das civilizações sumeriana, egípcia e babilônica.

Com suas descrições, Hesíodo nos transporta, com grande nitidez e riqueza de detalhes, a situação do campo na sua época.

Para melhor explicitar seguem as palavras de Werner Jaeger: "*Os detentores do poder e da formação são os nobres terratenentes. Mas os camponeses não deixam de ter uma independência espiritual e jurídica considerável. Não existe a escravatura e nada indica, mesmo remotamente que aqueles camponeses e pastores que viviam do trabalho das suas mãos descendessem de uma raça subjugada ... Criticavam livremente a conduta dos seus concidadãos e até dos altos senhores, e "o que o povo diz (phéme)" tinha importância decisiva para o prestígio e prosperidade do homem comum. Só na maça ele podia defender sua posição e criar prestígio.*"

Hesíodo, então, foi porta voz de seus compatriotas, os camponeses, de sua época. Com os "*Erga*" ele descreve a vida campestre da metrópole grega no final do

VIII a.C.. O poeta narra em seus versos a luta silenciosa e árdua dos trabalhadores na terra e exalta o **trabalho** como a maior e mais valorosa riqueza do Homem.

O poema, *Os Trabalhos e os Dias*, possui 828 versos e está dividido em duas partes. A primeira parte, de caráter filosófico, compreende dos versos 1 ao 382, é um hino e louvor a Justiça de Zeus e a *areté* dos homens que ganhavam o seu sustento através do trabalho e, também, uma advertência a seu irmão mais novo Perses, que subornou os juízes, os devoradores de presentes, para usurpar a parte da herança que cabia a seu irmão, sobre o perigo de conviver com estes senhores poderosos. Nesta primeira parte, também encontramos as duas Lutas (*Éris*), a luta boa, representada pela **Díke** e a luta má, representada pela **Hýbris**; o mito de Prometeu e Pandora; o mito das Cinco Raças e a fábula, que é objeto de nossa pesquisa, “*O gavião e o rouxinol*”. A segunda parte é, na verdade, um manual de instrução para os trabalhadores. Nesta, encontramos conselhos pragmáticos e calendários relativos à agricultura e à navegação, além de sentenças morais, conceitos e proibições.

### **A Fábula**

Antes de iniciar os comentários a respeito da fábula “*O gavião e o rouxinol*”, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre a diferença entre a Fábula e o Mito, pois Hesíodo utiliza os dois tipos de narrativa em seus versos com objetivo didático formando uma unidade, ou seja, o mito das Cinco Raças vem logo após o mito de Prometeu e Pandora, este gerou grandes transformações no ciclo das raças, enquanto aquele indica a raça a qual o poeta pertence, a de ferro, e justifica os conselhos que serão dados por Hesíodo ao seu irmão, Perses, a partir da fábula “*O gavião e o rouxinol*”.

A Fábula e o Mito são narrativas de caráter popular, muitas vezes de origem anônima, todavia divergem em seus objetivos, e também em seus pontos de partida.

Segundo Manuel Azeiteira de Sousa, “*a principal diferença entre a Fábula e o Mito é que este é um produto coletivo e espontâneo, inicialmente sagrado, originado das profundas perplexidades humanas, surgidas de algum fato histórico, ou de alguma experiência vivida no plano espiritual, posteriormente fantasiadas pela imaginação humana, na ânsia de propor uma explicação para algo inexplicável racionalmente; ao passo que aquela é uma obra individual, propositalmente elaborada, com o objetivo de*

*explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social”.*

Desta forma, o Mito pretende transmitir uma realidade não racional, porém tida como verdadeira. Com uma estrutura própria - princípio, meio e fim – tem por finalidade transmitir uma determinada experiência vital, perdida no tempo, geralmente ligada ao sobrenatural. Com o passar dos séculos, muitos desses relatos míticos perderam o seu primitivo caráter sagrado, devido ao desaparecimento da noção de que todo mito nasce (num determinado momento histórico-cultural) ligado às crenças de uma comunidade, pressupondo, portanto, um ato de fé.

E, como diz Werner Jaeger, *“o mito é como um organismo; desenvolve-se, transforma-se e se renova sem cessar. É o poeta que realiza essa transformação. Mas não a realiza em obediência a um simples desejo arbitrário. O poeta estrutura uma nova forma de vida para o seu tempo e interpreta o mito de acordo com as suas novas evidências interiores. O mito só se mantém vivo por meio da contínua metamorfose da sua ideia”.*

A palavra fábula deriva da palavra latina **fabula**, a qual por sua vez está associada a dois verbos – **fari**, em latim e **phemi**, em grego – que significa **“dizer”**, **“falar”**. Também as palavras gregas **mythos** e **logos**, ambas associadas à oralidade, eram usadas para nomear muitas dessas narrativas. Por conseguinte, as fábulas remontam a um contexto de oralidade primária.

Segundo, Manuel Avezéa de Sousa, *a Fábula pode ser considerada uma variante do conto popular. Este, por sua vez, deve ter nascido em tempos muito remotos, quando os homens começaram a comunicar-se verbalmente.*

*A Fábula costuma ser conceituada como uma breve narrativa alegórica de caráter individual, moralizante e didático, independente de qualquer experiência espiritual ligada ao sobrenatural. Nela, os personagens apresentam situações do dia-a-dia, de onde podem ser extraídos paradigmas de comportamento social, com base no bom-senso popular. Seres racionais e, às vezes, até mesmo coisa e objetos contracenam entre si, ou com pessoas, ou com deuses mitológicos. Tais cenas simbolizam situações, comportamentos, interesses, paixões e sentimentos, humanos ou não, que nem sempre podem ser focalizados diretamente.*

*Esta autentica dramatização das atividades cotidianas retrata, pois, uma determinada experiência da vida real, sem qualquer preocupação metafísica, e sem nenhum compromisso com a veracidade da descrição.*

*Por vezes, a Fábula propõe imaginosas explicações sobre a origem de certos comportamentos ou situações, relacionados com animais ou com coisas ou objetos, assumido, assim, intenções etiológicas.*

Percebe-se, então, que a Fábula pretende geralmente transmitir um ensinamento útil, através de alegorias, apólogos, símbolos, e até certos mitos, sempre que é desaconselhável ou mesmo impossível, colocar em cena as verdadeiras personagens dos episódios representados nas narrativas fabulísticas.

A fábula grega mais antiga de que se tem notícia é geralmente conhecida pela denominação de “O gavião e o rouxinol”, faz parte integrante do poema *Os Trabalhos e os Dias*, obra de Hesíodo, poeta didático beócio, habitualmente situado no século VIII a. C., portanto dois séculos anteriores à época em que terá vivido Esopo, considerado “o pai da Fábula”, não propriamente porque a tenha inventado, mas porque terá sido ele o primeiro a utilizá-la, metodicamente e com sucesso, para criticar, divertir, moralizar e instruir simultaneamente. Um expressivo exemplo dessa atividade renovadora é representado pela conhecida fábula esópica “O rouxinol e o falcão”, cuja fonte inspiradora foi certamente a pioneira alegoria de Hesíodo, revestida por Esopo com nova roupagem e visando um objetivo igualmente novo.

Apesar de sua antiguidade, o “O gavião e o rouxinol” apresenta já os traços essenciais daquilo que viria a ser a fábula no período clássico: uma narrativa breve, cujo argumento se presta a uma dedução que constitui um autentico preceito de conduta, popularmente conhecido por “moral da história”.

Tradução da fábula “*O gavião e o rouxinol*”:

*Agora, aos reis contarei uma **fábula**, posto que são sábios.*

*Assim disse um gavião a um rouxinol de pescoço colorido,  
no mais alto entre nuvens, levando-o preso nas garras.*

*Este **miserável** varado por aduncas garras, gemia, então aquele **prepotente**  
disse-lhe:*

***Desafortunado**, por que gritas? Um **muito melhor e forte** te segura,  
tu irás por onde **eu** te levar, mesmo que tu sejas um bom cantor.*

*Uma refeição, se **eu** quiser, de ti farei ou até te soltarei.*

*Insensato quem deseja com os mais fortes medir-se,  
da vitória priva-se, sofre penas, além da vergonha.  
Assim falou o gavião de voo rápido, pássaro de longas asas.*

Segundo Francisco Adrados, em seu artigo *La fábula griega como gênero literário*, a fábula hesiódica se classifica como as de “tipo central”, por se tratar de um relato breve, a fábula possui apenas 11 versos, e se estrutura em três partes: situação, a captura do rouxinol (vv. 203-204); *agón*, o lamento do rouxinol e o início da fala do gavião (vv. 205-209); e conclusão, uma espécie de *epimýthion*, a “moral da história”, onde o gavião afirma que a resistência aos mais fortes só resulta em humilhação (vv. 210-212). Verifica-se também um paralelismo entre o reino animal e o mundo dos homens, que transfere a situação do rouxinol capturado pelo gavião com a do próprio poeta, Hesíodo, oprimido pela sentença dos juízes, comedores de presentes, subornados por seu irmão Perses na disputa pela herança de seu pai (vv. 27-39).

O objetivo da fábula seria não só mostrar a impotência do mais fraco diante do mais forte, como também alertar sobre o perigo de se deixar influenciar pelos juízes e senhores poderosos e cair na terrível desmedida, a *Hýbris*.

O que mais chama atenção na fábula de Hesíodo é a inversão do tema e, conseqüentemente, a intenção da narrativa, ou seja, na versão de Esopo, que é a mais conhecida dos leitores, os animais estão em terra sobre uma árvore, o rouxinol possui fala, ele não geme apenas, e implora a sua liberdade ao gavião, este não cai na lábria do rouxinol, pois sendo mais esperto não vai trocar o certo pelo duvidoso. A intenção de Esopo é o saber discernir, ser coerente em suas escolhas. No entanto, em Hesíodo, de cara, há uma diferença espacial, os personagens estão voando, é o símbolo do alto poder do gavião, cujo comportamento é despótico e de extrema prepotência, demonstrando toda a sua força, enquanto o rouxinol geme, varado por aduncas garras, representando os fracos e oprimidos. A intenção, ou melhor, “a moral da história” em Hesíodo é que a resistência aos mais fortes (representados pelo gavião) gera humilhação e sofrimento aos mais fracos (representados pelo rouxinol).

Na verdade, o que, de fato, está por trás dessa fábula é o pensamento desalentado de Hesíodo diante da traição de seu irmão Perses e das injustiças praticadas pelos poderosos senhores e juízes corruptos e a sua preocupação em preservar a justiça e

a honradez adquirida através do trabalho na terra como fundamento para a ordem moral do mundo.

Assim, diante da intenção moral, Hesíodo utiliza a fábula, assim como o mito anteriormente, para instruir e exortar, transformando uma breve narrativa e um discurso didático, onde as palavras são minuciosamente escolhidas e carregadas de simbolismos, a fim de chamar a atenção e, principalmente, ensinar o valor da justiça e do trabalho como princípios fundamentais para a vida humana.

A primeira palavra da fábula é o advérbio de tempo acompanhado da partícula *dé – nyn/agora* – que enfatiza o objetivo de “instruir” do poeta, que logo após narrar os dois mitos, vai exemplificar o que foi dito.

Em seguida, o poeta usa a palavra *aînos* para designar fábula, ao invés da palavra *mýthos*, comumente utilizada em Esopo. Esta escolha não foi aleatória, já que *aînos* em sentido mais amplo significa “um conto alusivo que contém um propósito implícito, o que implica em uma interpretação. Esta requer atenção e reflexão de quem está ouvindo, duas das intenções de Hesíodo no que tange a proposta didático/pedagógica de sua obra.

Porém, a fábula que ele vai contar é para os *basileuses*/reis, os que são sábios (a forma participial do verbo *phronéo* = a parte pensante do homem, o espírito; os sábios). Há que se notar uma ironia no uso do participio *phronéousi*, que na verdade tem o sentido de “os que são espertos, desmedidos”.

Em apenas um verso, Hesíodo mostra toda a sua revolta e indignação. Os reis no alto do seu poder e sabedoria, ao invés de propiciar melhorias e ajudar a população camponesa, que é a que trabalha a terra para gerar o alimento, a humilha e comete injustiças para aumentar os seus lucros e o seu poder.

A partir do verso 203, Hesíodo não só inicia a narração da fábula “*O gavião e o rouxinol*”, mas começa a unir os pontos, que vão fechar a grande teia/lição do seu poema. Assim, o poeta joga com os opostos: o gavião/ *írhx* representa os reis injustos e poderosos, os devoradores de presentes/*dorophágoi* e, acima de tudo, representa a *Hýbris*; e o rouxinol/*ahdon* os humildes camponeses, a ilustre *Díke*.

É necessário ressaltar que esse jogo antitético, gavião/ rouxinol, injustos e poderosos/ humildes e *Hýbris*/*Díke*, que a fábula possui estreita relação com o mito das cinco raças e liga diretamente aos versos que Hesíodo aconselha Perses - *Mas tu, Perses, escuta a Díke, não fazes aumentar o excesso/ Pois o excesso é funesto ao pobre*

*mortal: nem o rico/ é capaz de suportá-lo facilmente: ele é oprimido pelo excesso/ no dia em que cai em desgraça. A melhor rota é passa pelo outro lado/ em direção às coisas justas. A justiça se sobrepõe ao excesso,/ alcançando seu fim. Sofrendo, o néscio aprende;/ pois rápido corre em paralelo o juramento com sentenças tortas;/ mas há tumulto quando a Díke é arrastada para onde quer que/ os homens devoradores de presentes a conduzam e sempre que julguem processos por sentenças tortas./ Ela persegue chorando pela cidade e pelas moradas dos povos,/ vestida de bruma, causando o mal aos homens,/ àqueles que a expulsaram e não a distribuíram retamente.*

Sobre essa relação antitética *Hýbris/ Díke*, formada pelo conjunto – mito das cinco raças, a fábula e os conselhos a Perses, Jean-Pierre Vernant considera a fábula como parênteses entre o mito e sua lição. Ambos possuem, por assim dizer, a mesma mensagem, que se complementam.

Ainda nesse aspecto antitético da fábula observa-se o uso dos adjetivos, pois através deles Hesíodo demonstra toda opressão e pessimismo vividos pelos camponeses. Assim, no v. 205 quando o gavião chama o rouxinol de **miserável/eléon** (de *éleos,- ou* que também significa piedade, compaixão, digno de piedade) em oposição ao adjetivo **prepotente/epikratéos** (de *epikraths* que é formado pela preposição *epi* + *krátos* = força, vigor) usado pelo poeta no mesmo verso referindo-se ao gavião. As duas palavras se opõem no verso de maneira enfática revelando o domínio pela violência e pelo constrangimento. E a partir do v. 207 fica claro que o poder leva a *Hýbris* /desmedida e insensatez, pois o gavião vocifera chamando o rouxinol de **desafortunado/daimoníh** (de *daimónios,-a,-on* – palavra com duplo sentido que possui significado o que provem da divindade; extraordinário; maravilhoso e, ao mesmo tempo, significa insensato, desafortunado, miserável). Isso vem confirmar todo o abuso de poder do gavião diante do rouxinol. Em seguida, o gavião, corroborando o abuso de poder, diz que ele é muito melhor e forte/**pollón**, No verso 208, a construção frasal enfatiza toda a autoridade e poder do gavião, (*tu irás por onde eu te levar*), a posição do pronome **ego**/eu antes do verbo *ir/ago* em grego não é usual na língua grega, mesmo sendo uma poesia, o que reforça o despotismo do gavião. Mas é no v. 210, que o gavião mostra toda sua sordidez chamando o pobre coitado do rouxinol de **insensato/áphron** (de *aphron,-on,-on* que também significa privado de sentimento, sem razão, demente e é formado pó *a* + *phrhn* (em poesia) = sem coração, sem alma) ao querer medir forças com o mais forte. Este adjetivo afirma o pensamento dos poderosos da época de que os camponeses são

peessoas fracas, sem opinião e que viviam subjugados pelos reis e, que precisavam trabalhar arduamente pela sua sobrevivência.

Percebe-se, então, que Hesíodo, através desta fábula às avessas, demonstra toda sua revolta e indignação diante da supremacia dos poderosos que através da *Hýbris*, corrompendo os mais humildes e fracos de opinião, para conquistar cada vez mais riquezas sem esforço, infringindo a Justiça divina. Além disso, a fábula é uma advertência, um conselho de Hesíodo, pois para ele, os homens jamais devem apelar para o direito do mais forte, como o gavião faz com o rouxinol. O ideal de virtude para Hesíodo é o trabalho. Este é o único caminho, ainda que penoso, para alcançar a *arete*. Junto com a justiça, o trabalho forma os pilares para que o homem viva de maneira simples, porém com dignidade e ética.

Imbuído pelo ideal de justiça, Hesíodo nos proporciona em sua obra uma aula sobre “a ideia do direito”. É na luta pelos próprios direitos, contra as usurpações de seu irmão Perses e a vilania dos poderosos, que o poeta declara a sua fé apaixonada pelo direito.

Em seus versos, Hesíodo constrói de forma singular um discurso didático e pedagógico. Através do seu saber popular, utilizando os mitos e a fábula, instila no pensamento dos camponeses que o ideal de virtude é a Diké - conjugação do direito, do trabalho e da simplicidade do campo. E ao mesmo tempo adverte sobre o perigo da desmedida, *Hýbris*, que só traz desgraças e sofrimentos.

### **Bibliografia**

- ADRADOS, Francisco R. “*La fabula griega como género literário*”. In: *Nuovos estudios de lingüística general e teoria literária*. Barcelona: Editora Ariel, 1987, p. 298-308.
- AVELEZA, Manuel. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro, Thex Ed., 1986.
- AVELEZA, Manuel. “*A Fabulística Antiga*”. In: *Calíope*, n.10, dezembro, 2001, 68-76
- BAILLY, A.. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1979.
- HESIODE. *Theogonie. Les travaux et les jours*. Bouclier. Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1928.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad. , intr. e comentários por Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990.

HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e trad. Por Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

JAEGER, Werner. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LESKY, Albin. *Historia de la literatura griega*. Trad. Diaz Reganon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos. 1983.

PEÇANHA, Shirley Fátima G. De Almeida. “*O Trabalho e a Justiça sob a Ótica do Mito*”. In: *Calíope*, n.10, dezembro, 2001. p. 88-96.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. *As origens do pensamento grego*. Trad. Borges B. da Fonseca. São Paulo: Difel S.A., 1984